

Quando as agulhas falam: memórias, bordados e foto-gestos

Cuando las agujas hablan: recuerdos, bordados y gestos fotográficos

When needles speak: memories, embroidery and photo-gestures

ANGÉLICA CARVALHO LEMOS¹

Universidade Estadual de Minas Gerais, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-2870-4339>

Resumo

Linhas, novelos, agulhas, meadas, nós e laçadas, coabitam o Ensaio Visual: Quando as agulhas falam: memórias, bordados e foto-gestos. Fazer o nó na linha é o gesto requerido tanto para começar como encerrar um trabalho têxtil. E após o nó instaura-se o trajeto do fio na agulha, trajeto este ancorado pelos múltiplos gestos manuais. O presente ensaio contempla o avesso e o direito destes gestos por meio de registros fotográficos do ato de bordar, nomeados de foto-gestos. Os registros apresentados no formato 3x4 remetem a releitura desta tradicional dimensão padronizada em documentos, aqui deslocada para a artesanaria. Uma série de sete fotos que busca esgarçar o novelo têxtil memorial. Dessa forma, ao tecer o ponto-atrás da memória costurada a resistência criam-se elos com o ativismo e a arte têxtil. E por fim, o ensaio invoca: enquanto as mãos bordam as bocas fiam.

Palavras-chave: memórias; bordados; foto-gestos

¹ Mestrado em Reabilitação e Desempenho Funcional. Bacharel em Terapia Ocupacional. Graduanda em Design de Moda (UEMG). Linhas de pesquisa: arte têxtil; educação popular em saúde; interface corpo, arte e saúde. angelicalemosterapeuta@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7919156317243550>

Resumen

Hilos, madejas, agujas, nudos y lazos conviven en el Ensayo Visual: Cuando las agujas hablan: recuerdos, bordados y foto-gestos. Anudar el hilo es el gesto necesario tanto para comenzar como para finalizar el trabajo textil. Y tras el nudo, se establece el camino del hilo en la aguja, un camino anclado por múltiples gestos manuales. Este ensayo contempla el opuesto y el derecho de estos gestos a través de registros fotográficos del acto de bordar, denominados foto-gestos. Los registros presentados en formato 3x4 hacen referencia a la relectura de esta dimensión tradicional estandarizada en los documentos, aquí trasladada a la artesanía. Una serie de siete fotografías que busca deshilar la madeja textil conmemorativa. De esta forma, al tejer la puntada trasera de la memoria cosida de la resistencia, se crean vínculos con el artivismo y el arte textil. Y finalmente, el ensayo invoca: mientras las manos bordan, la boca gira.

Palabras clave: memorias; bordados; foto-gestos

Introdução

“Quando as agulhas falam” é uma urdidura no potencial de contar histórias alinhavadas com as narrativas têxteis, em suma as biográficas. Talvez, as narrativas vibram em nós, tal como a aspiração de abrir relicários. Relicários que guardam e abrigam o emaranhado de nossas memórias.

É assim, sem risco, bordado livre. Bordar, talvez possua esse amontoado de linhas-guia, tal qual o nosso corpo ao pactuar com a agulha na ponta dos dedos cria vestígios. E, por instantes o ensejo da linha deixar-se guiar até que a agulha possa tecer versos em bordaria, guardar as vozes da resistência. As linhas-guia creio que são oriundas do nosso novelo de memórias, tal como lembranças do repertório vivencial nos territórios onde o corpo habitou.

Arrisco-me no momento a leitura e escuta sensorial acerca do que é memória pela fonte poética. Fonte esta que me trouxe a calma e alento. “O que a memória ama, fica eterno”, da poetisa Adélia Prado². E, espero que se eternize as memórias avivadas por meio dos gestos das minhas mãos ao tocar a agulha sob o tecido, gesto de equilibrar a agulha no ar enquanto o olhar aguçado tenta cravar a linha na agulha, ou a força ao furar o tecido por inúmeras vezes com a agulha formando carreiras de pontos. O novelo do fio bordado é o novelo do fio da herança artesã, não bordo só pontos, bordo pontos de encontros e reencontros do fio-vivo, em nós e com nós.

Tecer é uma experiência ancestral. O encontro de mulheres, é um encontro de coletivos, em cada mulher, habita um coletivo de mulheres. Carregamos os ecos das vozes destas mulheres, contos, histórias de vida, segredos, conselhos, receitas, lamentos, lutas e até os silêncios. O têxtil traz à tona a possibilidade de eternizar os pontos, e de alguma forma a lembrança torna-se eterna ao ser costurada sob a trama do tecido. A inteireza do gesto de dar o nó na linha, e como pode haver mais boniteza do que na atitude de desatar o nó da garganta. E inteireza e boniteza ancoradas na compreensão de Paulo Freire³ (FREIRE, 2001).

“Quando as agulhas falam” trama unir registros fotográficos de gestos, aos quais batizo de foto-gestos, com dimensões 3X4. A foto 3X4, formato este tão acomodado a finalidade de ser adotado como dimensão obrigatória para documentos, tais como, carteira de trabalho, carteira de identidade, carteira profissional, crachás...Mas, aqui a tradicional foto da identidade é estampada com os gestos, gestos que dimensionam minha identidade artista-artesã, mas não como binômio. Os gestos registrados evocam os instantes do ato de coser o bordado manual.

A agulha ao assumir a continuidade do movimento, torna-se extensão dos dedos da mão. Movimento de retomada as vivências de ter habitado rodas de mulheres bordadeiras, encontros na varanda com mulheres artesãs que partilho laços familiares. A força da palavra que dentro da roda enquanto as mãos bordam as bocas fiam. Fiar é contar histórias de vida, tal como o ato de fiar o algodão.

Sou bisneta de artesã fiadeira de algodão. E vovó enquanto crochetava me contava da lembrança que ela guardava como se fosse ontem, dos pés de sua mãe (minha bisavó) batendo na roda de fiar o algodão, enquanto ela ainda criança enovelava. E também sobre o trajeto do fruto do algodão até virar colcha de tear, onde após a colheita era momento de limpar, descarregar, desembaraçar a fibra, cardar, e por fim fiar o algodão, só assim ele está pronto para tecer.

Logo, não é só um fio, é transformar aquele embaraçado de fibras em fio. Creio no bordado integrado à Arte Têxtil e ao movimento do Artivismo, como este momento de transformar o emaranhado até tecer o fio, é o enovelar, unir novelos das histórias, é a pulsante tentativa de criar fios que operam como enlaçamentos de vínculos. Esperançar e inspirar a atitude coletiva de tecer para urdir a nossa resistência feminista. A urdidura da trama vital.

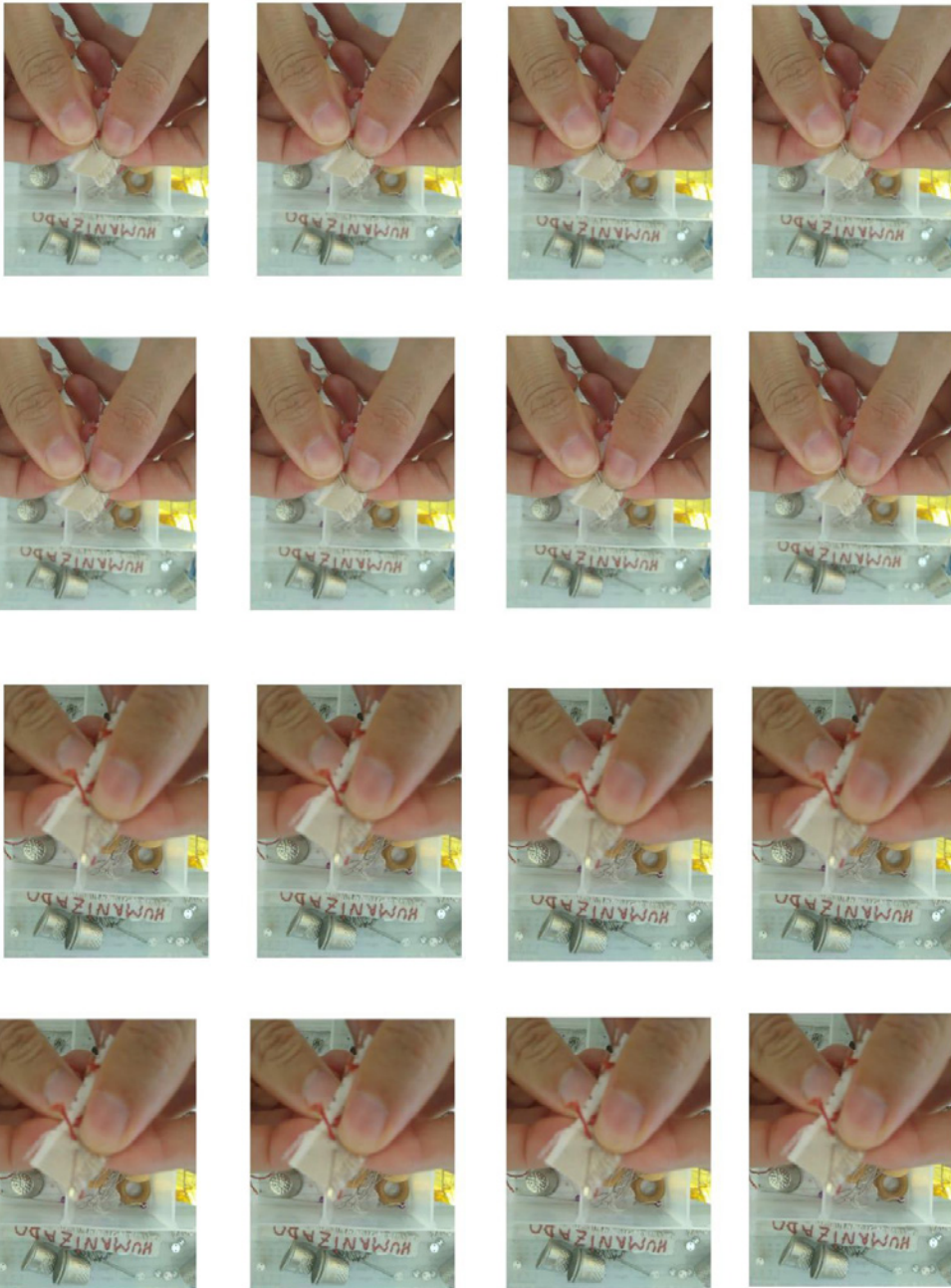
² Poema “Para o Zé”. PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro, Ed. Record, 32ª edição, 2012.

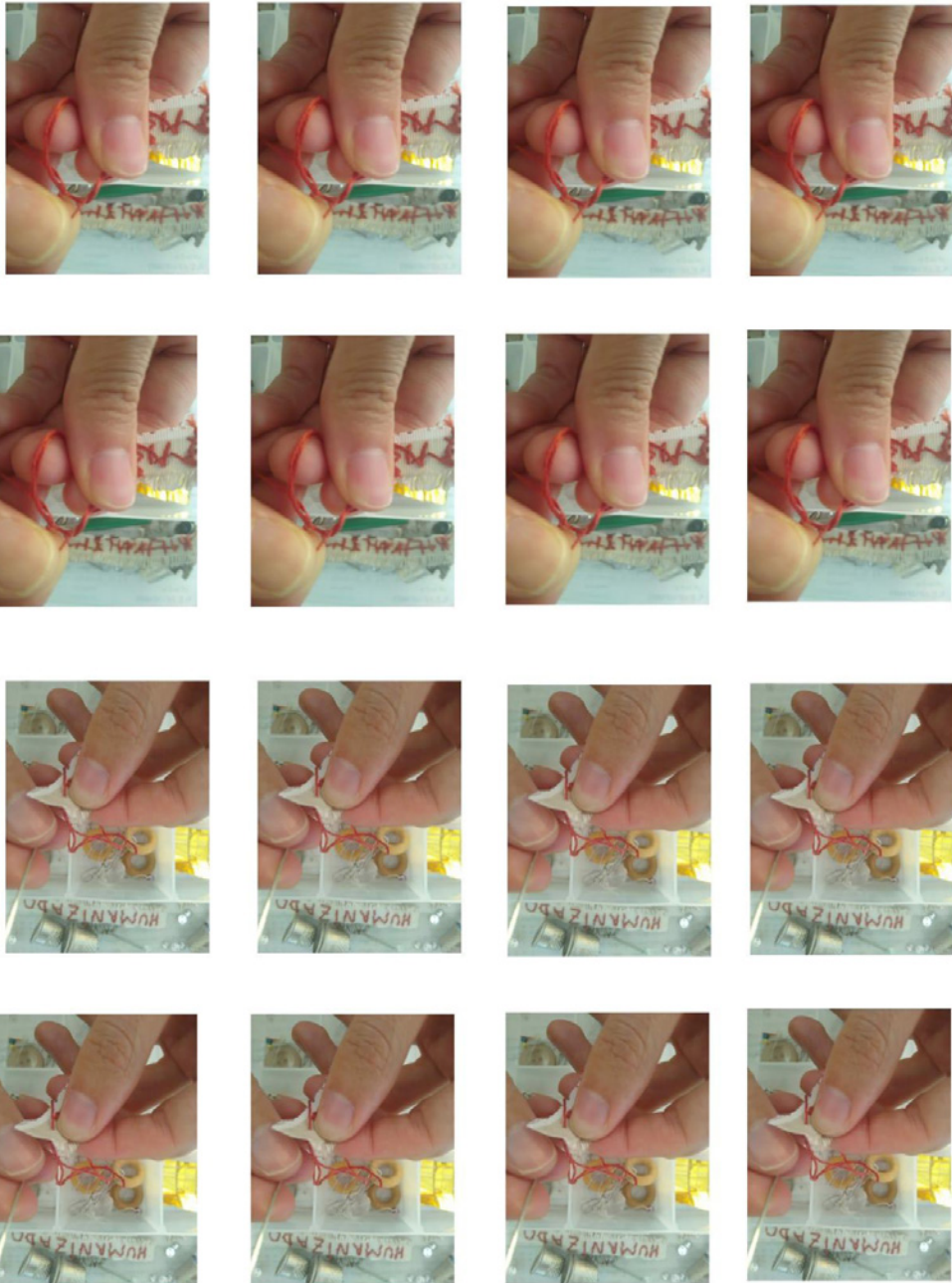
³ Em especial o trecho: “Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, metícuosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. [...]” (FREIRE, 2001, p.48).



Imagens: Autora Performance “memórias, bordados e foto-gestos”.
Registros: fotografia Luiz Pereira; Fotografias (dimensões 3x4): Jesus Lemos.









Referências

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo, Ed. Olho D'Água, 2001.

Recebido 27 jul. 2021.

Aceito 30 set. 2021.



As obras deste periódico estão licenciadas com
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.